

Resenha para o Jornal do Brasil (publicada em 15/2/1997)  
José Guilherme Magnani & Lilian de Lucca Torres (Organizadores)  
Na Metrópole: textos de antropologia urbana . São Paulo, Edusp/Fapesp, 1996.

Diante da falta de espaço, o pai-de-santo acomoda os deuses em prateleiras, respeitando ainda regras classificatórias; em dia de Coríntians e Palmeiras, é o espaço da cidade, por sua vez, que é reordenado e dividido para evitar os conflitos; sem endereço fixo, os “baianos” que vieram trabalhar na construção civil contam com um serviço alternativo de caminhões a ligar quinzenalmente a metrópole a pequenas localidades do interior baiano, trazendo e levando cartas, dinheiro, comidas, “sinais de vida”; a tradição dos cinemas de bairro migra, quem diria, para os shopping centers. São todos pequenos e saborosos exemplos do entrecruzamento de lógicas distintas, de um processo de ressignificação de espaços, de apropriação e releitura característico da vida urbana. Se a cidade, por um lado, obriga o candomblé - tão ligado às forças da natureza, a operar malabarismos simbólicos, transformando poste em árvore, como nos ensina Vágner Gonçalves em seu artigo, a força e a dimensão do culto transmutam o ginásio do Ibirapuera em um imenso terreiro. Mais do que simplesmente sobreviver, a tradição é reinventada, cotidianamente, e com ela, a cidade.

Na Metrópole é composto por oito artigos de pesquisadores do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, dirigido pelo professor José Guilherme Magnani. Originou-se, na verdade, de um projeto de pesquisa coletivo que visava empreender uma ampla etnografia dos diferentes *pedaços* existentes em São Paulo. No texto de abertura, depois de um breve histórico da antropologia urbana, Magnani, que orientou toda a pesquisa, explicita os conceitos básicos que norteiam esta redescoberta da cidade. A ferramenta mais importante, sem dúvida, é o conceito de *pedaço*: “*aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade*”. O mais interessante, para uma cidade tão associada ao trabalho, é o fato de que suas redes de sociabilidade, seus *circuitos*, seus *trajetos*, são construídos, sobretudo, nos momentos de lazer, onde o cidadão pode fazer suas escolhas, exercer seu gosto, em um processo infundável de criação de “estilos de vida”. O livro lê São Paulo pelo seu avesso (simbólico): o lazer, que forma *manchas*, nordestinas, negras e outras no tecido da metrópole.

Os temas são bastante variados e, à primeira vista, desconexos: uma “tribo” de *clubbers* na década de 80, as festas do povo-de-santo, as torcidas organizadas de futebol, os cinéfilos saudosos da “época de ouro” e seus equivalentes contemporâneos, o uso do espaço e dos equipamentos urbanos pelo candomblé, a noite paulistana no Bexiga, o lazer dos migrantes nordestinos. Estes percursos, tão variados, têm alguns pontos em comum. Sem dúvida que partiram de uma orientação teórico-metodológica similar, que se vale não somente dos conceitos já apontados mas de uma inspiração frequente na obra de Clifford Geertz e de sua concepção da cultura como uma teia de significados. Por outro lado, embora o grau de profundidade analítica varie, de artigo a artigo, são todos etnografias bastante detalhadas e nada herméticas: cada termo específico é devidamente explicado, seja dos rituais afro-brasileiros, da estética dos neodândis ou dos torcedores organizados. A leitura, deste modo, flui sem obstáculos.

O valor maior do livro, entretanto, não é meramente acadêmico. O fato é que “agora somos todos nativos” (Geertz) e, como nativos da metrópole, a leitura proposta nos engaja e incita à reflexão. Em primeiro lugar, por sepultar de vez o mito da cidade como um emaranhado frio de edifícios e serviços (a selva de pedra), a serem habitados e utilizados de acordo com o alvitre e as possibilidades de cada um. O que os ensaios nos mostram é uma cidade habitada por grupos, sobretudo. Longe de ser um manto único, ela é feita com diversos panos, onde os fios do arcaico (a cultura nordestina tradicional, por exemplo) são tecidos pela maquinaria moderna (o forró transmitido via rádio). A cidade não destrói e homogeneiza a cultura, ela fornece, por sua dinâmica específica, um espaço de recriação e troca. O segundo ponto a ser destacado é que, nesta perspectiva, as oposições binárias, entre ricos e pobres, entre Zona Sul e Zona Norte (para também falar do caso carioca), embora sempre presentes, deixam de ser a única chave de leitura: a cidade é desigual, mas isto não diz tudo. Ou, como diria meu amigo Caio Ferraz, a cidade não é partida, é estilhaçada. Que tal fazermos a etnografia da praia carioca, este território que nos serve de símbolo ?

Por fim, não poderia deixar de assinalar o posfácio de Maria Lúcia Montes, cuja mão segura e habilidosa consegue costurar os artigos, potencializando a reflexão, à maneira do cantor homérico que extraía das fórmulas já conhecidas uma beleza inaudita. Opera a síntese da cidade e de seus *pedaços* em uma imagem: *“Tal como as ilhas reais, que emergem do oceano como indícios, a assinalar a plataforma continental que as sustenta, também os pedaços da cidade deixam entrever uma ordem que a ela subjaz, organizando seus tempos e seus espaços, e que permite apreender as conexões entre o que pareceria singular ou meramente exótico, quando não apenas insignificante, desprovido de interesse”*.

Angra dos Reis, 19 de janeiro de 1996

Marcos Alvito

Prof. do Depto. História da UFF

Organizador, juntamente com Gilberto Velho, do livro Cidadania e Violência.

Ed.UFRJ/FGV.